

# Contributos para uma teoria neo-darwiniana da comunicação

Paulo Serra  
Universidade da Beira Interior

## Índice

1 Sociedade e comunicação	1
2 A multiplicidade das teorias da comunicação	2
3 O culto da Internet	3
4 A Internet como espaço agonístico	5
5 O caso dos blogs	6
6 Conclusão	10
7 Bibliografia	11

## 1 Sociedade e comunicação

Num dos textos decisivos daquela que viria a constituir-se como a mais influente teoria da história produzida no Ocidente, afirmava Marx:

Na produção social da sua existência, os homens estabelecem relações determinadas, necessárias, independentes da sua vontade; essas relações de produção correspondem a um dado grau do desenvolvimento das suas forças produtivas materiais. O conjunto dessas relações forma a estrutura económica da sociedade, a fundação real sobre a qual se eleva um edifício jurídico e político, e a que correspon-

dem determinadas formas da consciência social.<sup>1</sup>

Ora, como procurou demonstrar Luhmann com a sua teoria dos sistemas sociais, e hoje parece cada vez mais evidente, a teoria marxista da história é a teoria de uma sociedade que, se alguma vez existiu, já há muito deixou de existir – na medida em que a sociedade moderna, caracterizada pelo “primado da diferenciação funcional”, “organizada em subsistemas”, é uma sociedade que “*não dispõe de nenhum órgão central*”. É uma sociedade *sem vértice nem centro*.<sup>2</sup>

Não admira assim que, e pese embora todas as suas divergências teóricas – e, desde logo, no que se refere ao campo específico da própria “teoria da comunicação” –, dois autores tão decisivos como Habermas e Luhmann defendam a tese de que a sociedade moderna é, basicamente, comunicação. De facto, como avisa Habermas logo nas primeiras páginas da sua *Teoria da Acção Comunicativa*, esta não é uma meta-teoria, antes

<sup>1</sup> Karl Marx, “Critique de l’Économie Politique” (1859), in *Oeuvres, I (Économie I)*, Paris, Gallimard, 1994, pp. 272-273.

<sup>2</sup> Niklas Luhmann, *Teoría Política en el Estado de Bienestar*, Madrid, Alianza Universidad, 1997, respectivamente pp. 42 e 43 (itálicos no texto citado).

“permanece, no seu núcleo, uma teoria da sociedade”.<sup>3</sup> Por seu lado, Luhmann afirma, nos seus *Sistemas Sociais*, que “[o] processo elementar que constitui o social como realidade especial é um processo comunicacional”.<sup>4</sup>

## 2 A multiplicidade das teorias da comunicação

A concordância em torno da importância social da comunicação não evita, no entanto, a profunda discordância não só entre Habermas e Luhmann, como entre muitos outros autores, logo acerca do próprio conceito de “comunicação”. Se há domínio das “ciências da comunicação” em que a multiplicidade e a diversidade são a regra ele é, certamente, o das “teorias da comunicação”.

Uma das razões fundamentais de tal multiplicidade e diversidade reside, quanto a nós, no facto de que – e ao contrário daquela que é, geralmente, a pretensão do seu autor –, cada teoria da comunicação é a teoria de um determinado tipo de comunicação que, de forma implícita ou explícita, ela toma como modelo e ponto de partida. O mesmo é dizer que cada teoria da comunicação não pode

<sup>3</sup> Cf. Jürgen Habermas, *Théorie de l'Agir Communicationnel*, Tome 1 (*Rationalité de l'Agir et Rationalisation de la Société*), Paris, Fayard, 1987, p. 11. Como reconhece Luhmann, em certos pontos tão divergente de Habermas, “[é] um mérito indiscutível de Habermas ter levado este problema [da acção “social”] ao nível da comunicação.” (Niklas Luhmann, “Autopoiesis, acción y entendimiento comunicativo”, in *Organización y Decisión. Autopoiesis, Acción y Entendimiento Comunicativo*, Barcelona, Anthropos, 1997, p. 118).

<sup>4</sup> Niklas Luhmann, *Sistemas Sociales. Lineamientos para una Teoría General*, Barcelona, Anthropos, 1998, p. 141.

deixar de ser vista como uma descrição unilateral e parcial desse fenómeno mais geral e complexo a que chamamos “comunicação” – pelo que fará todo o sentido aplicar, às teorias da comunicação, aquilo que McQuail e Windhal dizem acerca dos “modelos da comunicação”: que são descrições que “simplificam a realidade, seleccionam elementos chave, e indicam relações” mas que, e por isso mesmo, “podem omitir aspectos importantes”.<sup>5</sup>

É também neste contexto que convém colocar a questão da relação entre teorias da comunicação e meios de comunicação – tomando aqui a palavra “meios” no sentido amplo que lhe dá McLuhan, de forma a incluir desde a oralidade até às mais recentes “tecnologias da comunicação”. Se admitirmos, com McQuail, que “em momentos específicos da história, uma única tecnologia [da comunicação] parece ter tido uma maior influência directa e específica” – dando como exemplos, entre outros, os casos do telégrafo eléctrico, que levou à criação das agências noticiosas mundiais, e o do telefone, que facilitou a criação de novas formas de organização do trabalho –<sup>6</sup>, teremos de admitir, igualmente, que essa “maior influência” se verifica também, de forma reflexiva, no domínio das teorias da comunicação. De facto, essa “influência” parece evidente em teorias como a “teoria hipodér-

<sup>5</sup> Cf. Denis Mcquail, Sven Windhal, “Models of communication”, in Erik Barnow et alli (org.), *International Encyclopedia of Communication*, Volume 3, New York, Oxford, Oxford University Press, 1989, p. 36. Sobre este mesmo tema cf., dos mesmos autores, *Modelos de Comunicação*, Lisboa, Editorial Notícias, 2003.

<sup>6</sup> Cf. Denis McQuail, *McQuail's Reader in Mass Communication Theory*, London, Sage Publications, 2002, p. 14.

mica” de Harold Lasswell, que procura dar conta do carácter específico dos meios de comunicação de massa, nomeadamente da rádio, a “teoria matemática da comunicação” de Claude Shannon, que pretende equacionar determinadas problemas ligados ao desenvolvimento do telefone, ou ainda a “teoria cibernética” de Norbert Wiener, que antecipa e promove o desenvolvimento de “máquinas inteligentes” como os computadores.

Sendo um meio relativamente recente, ainda não é perceptível qual a “influência” que a criação e o desenvolvimento da Internet poderá ter no domínio das teorias da comunicação, ou seja, a que teoria da comunicação corresponderá o tipo de comunicação característico do meio Internet. Que uma tal “influência” se verificará – já começou a verificar-se - parece fora de questão, como o implícita a afirmação de Nancy K. Baym: “Uma das coisas mais espantosas acerca da CMC é que ela dá-nos uma oportunidade para repensarmos as teorias da comunicação.”<sup>7</sup>

Partindo de uma análise daquela que é hoje a parte mais significativa da Internet, a Web<sup>8</sup> e, mais especificamente, do fenómeno dos blogs, procuramos nas linhas que se seguem contribuir para o “repensar” das teorias da comunicação, fornecendo alguns contributos para a construção de uma teoria a que, provisoriamente, chamámos “teoria neo-darwiniana da comunicação”.

Uma tal teoria assume como pressuposto, e procura trazer para o campo da teoria da

<sup>7</sup> Nancy K. Baym, “Interpersonal Life Online”, in Leah Lievrouw, Sonia Livingstone, *The Handbook of New Media. Social Shaping and Consequences of ICTs*, London, Sage Publications, 2002, p. 68.

<sup>8</sup> Significativa a tal ponto que se transformou numa espécie de metonímia da própria Internet.

comunicação, as afirmações de John Dewey de que “[i]dealizar e racionalizar o conjunto do universo é, em última análise, uma confissão da incapacidade de dominarmos os cursos das coisas que nos dizem especificamente respeito” – razão pela qual “a filosofia deve, oportunamente, tornar-se um método para localizar e interpretar os conflitos mais sérios que ocorrem na vida, e um método para projectar maneiras de lidar com tais conflitos: um método de diagnose e prognose moral e política”.<sup>9</sup>

### 3 O culto da Internet

Um grupo de investigadores que inclui alguns dos mais importantes criadores da Internet afirma, em *Uma Breve História da Internet*, que “[a] Internet é, simultaneamente, uma aptidão para emissão a nível mundial, um mecanismo para a disseminação da informação e um *medium* para a colaboração e interacção entre os indivíduos e os seus computadores, sem olhar à localização geográfica.”<sup>10</sup> E Tim Berners-Lee, o criador da WWW, caracteriza o “sonho original” da “teia” afirmando que “[a] Web deveria ser um *medium* para a comunicação entre pessoas: comunicação através do conhecimento partilhado.”<sup>11</sup> E, admite noutro lado, “[o]

<sup>9</sup> John Dewey, “The influence of Darwin on philosophy”, in *The Influence of Darwin on Philosophy and Other Essays*, New York, Henry Holt and Company, 1910, p. 17.

<sup>10</sup> Barry M. Leiner, Vinton G. Cerf, David D. Clark, Robert E. Kahn, Leonard Kleinrock, Daniel C. Lynch, Jon Postel, Larry G. Roberts, Stephen Wolff, *A Brief History of the Internet*, <http://www.isoc.org/internet/history>.

<sup>11</sup> Tim Berners-Lee, *Realising the Full Potential of the Web*, 1997, <http://www.w3.org/1998/02/Potential.html>.

potencial da mistura de humanos e máquinas trabalhando em conjunto e comunicando através da web poderia ser imenso”.<sup>12</sup>

É precisamente em relação a este tipo de visões que um autor como Philippe Breton fala em “culto da Internet”, caracterizado por uma “religiosidade difusa”, “não deísta, espiritualista, dualista e anti-humanista” – e que tem como finalidade última “a reunião das consciências até à sua absorção num todo planetário unificado” e como práticas essenciais “a comunicação permanente, a separação física e o fim do encontro directo, uma relação de negação em relação à lei e à mediação, a confusão entre a representação e o representado, entre o virtual e o real.”<sup>13</sup>

Diga-se, em abono da verdade, que alguns dos panegiristas do ciberespaço não têm qualquer pejo em assumir o carácter “religioso” da sua visão. Assim, e para darmos apenas um exemplo, Pierre Lévy – que Breton considera como um dos mais destacados gurus da cibercultura, e não só em França – diz a certa altura:

Qual é então o projecto que está subjacente à minha descrição [do ciberespaço]? O leitor conhece já a minha religião. Estou plenamente convencido que permitir aos seres humanos que conjuguem as suas imaginações e as suas inteligências pondo-se ao serviço do desenvolvimento e da emancipação das pessoas é a melhor maneira de utilizar as tecnologias digitais.<sup>14</sup>

<sup>12</sup> Tim Berners-Lee, *The World Wide Web: A very short personal history*, <http://www.w3.org/History.html>.

<sup>13</sup> Philippe Breton, *Le Culte de l'Internet*, Paris, La Découverte, 2000, p. 106.

<sup>14</sup> Pierre Lévy, *Cibercultura*, Lisboa, Instituto Piaget, 2000, pp. 227-228.

Como se depreende destas palavras de Lévy, e como ele próprio confessa, esta religião sem deus assume-se como um prolongamento e uma superação da “filosofia das luzes”.<sup>15</sup> Noutro passo, é o próprio ciberespaço, e já não a atitude perante ele, que é comparado a uma “religião universal”:

Por exemplo uma religião universal é supostamente dirigida a todos os homens e deve reuni-los virtualmente através da sua revelação, a sua escatologia, os seus valores. (...) Do mesmo modo, o horizonte de um ciberespaço que nós reputamos universalista é interligar todos os bípedes falantes e fazê-los participar na inteligência colectiva da espécie no seio de um meio ubíquo.<sup>16</sup>

Não por acaso – e isso é também é devidamente sublinhado por Breton –, a expressão “inteligência colectiva” vai Lévy buscá-la ao teólogo católico Teilhard de Chardin que, na sua obra *O Fenómeno Humano*, se refere às “energias” vindas do Passado e que se armazenam “irreversivelmente, por todos os canais da ‘tradição’, na mais alta forma de Vida acessível à nossa experiência, quer dizer, na Memória e na Inteligência colectiva do Bioto humano” – acrescentando, a propósito da Tradição, da Instrução e da Educação que, “se a Noosfera não é uma ilusão”, então “será muito mais justo reconhecer nestas comunicações e trocas de ideias a forma superior sob que chegam a fixar-se em nós certos modos mais rígidos de enriquecimentos biológicos por *aditividade*”.<sup>17</sup> Pode dizer-se

<sup>15</sup> Lévy, *ibidem*, p. 228.

<sup>16</sup> Lévy, *ibidem*, p. 273.

<sup>17</sup> Cf. Pierre Teilhard de Chardin, *O Fenómeno Humano*, Porto, Livraria Tavares Martins, 1970, pp. 242-

que, nesta matéria, Lévy se limita a repetir o “pai fundador” McLuhan que, em *A Galáxia Gutenberg*, não só dedica a Chardin um “mosaico” a que deu o significativo título de “A nova interdependência imposta pela electricidade recria o mundo à imagem de uma aldeia global”, como, e para ilustrar o conceito de “noosfera”, cita e comenta algumas passagens de *O Fenómeno Humano* que considera mais significativas.<sup>18</sup>

#### 4 A Internet como espaço agonístico

O “culto da Internet” que acabámos de referir assenta num pressuposto essencial: o de que o ciberespaço é, acima de tudo, um espaço de consenso e cooperação. Não é que se defenda que a “sociedade real”, a sociedade em que se vive todos os dias, assenta no consenso e na cooperação. A regra é, mesmo, o contrário – como transparece, de forma perfeita, na *Declaração da Independência do Ciberespaço*, de Barlow.<sup>19</sup> Ou seja: tende-se a pensar que a “sociedade real” é – ainda? – uma sociedade “natural”, habitada maioritariamente por um “homem lobo do homem” (*homo homini lupus*) assente não só na “guerra perpétua” como na “guerra de todos contra todos”<sup>20</sup> – mas que ao dar-se a

3. A “noosfera” é definida, por Chardin, como “[u]ma colectividade harmonizada das consciências, equivalente a uma espécie de superconsciência” (p. 275), uma reunião de “todas as Consciências” (p. 287).

<sup>18</sup> Marshall McLuhan, *La Galaxie Gutenberg*, Paris, Gallimard, 1977, p. 74.

<sup>19</sup> John Perry Barlow, *A Declaration of the Independence of Cyberspace*, 1996, <http://www.eff.org/~barlow/Declaration-Final.html>.

<sup>20</sup> Retomamos aqui as conhecidas expressões de Thomas Hobbes, *Le Citoyen Ou Les Fondements De La Politique (De Cive)*, Amsterdam, Blauwe,

entrada no ciberespaço se efectua uma espécie de conversão súbita ou de transmutação alquímica que permite que a dissensão e o conflito fiquem à porta do novo Jardim do Éden.

Contudo, são múltiplas as evidências de que o ciberespaço é, também – e, na nossa opinião, é acima de tudo – um espaço de dissensão e de conflito. Significa isto que, de forma mais ou menos darwiniana, o ciberespaço pode ser visto como um “ambiente” em que impera uma “luta pela existência” (*struggle for life*) sem quartel e em que, portanto, sobrevivem – são seleccionados – apenas os “seres” – as informações e comunicações – que forem capazes das variações e adaptações necessárias. Poderíamos assim, sem dificuldade aparente, aplicar ao ciberespaço as palavras escritas por Darwin logo na introdução da sua obra sobre a origem das espécies:

À medida que, em cada espécie, nascem muitos mais indivíduos do que aqueles que poderão, possivelmente, sobreviver, e como, por consequência, há uma luta pela existência constantemente renovada, segue-se que todo o ser que variar, o mais ligeiramente que seja, de forma proveitosa para ele, terá uma melhor hipótese de sobreviver em condições de vida complexas e muitas vezes variáveis, e, assim, ser seleccionado naturalmente.<sup>21</sup>

1649 (1642), “Épître Dédicatoire” e Capítulo I, [http://www.uqac.quebec.ca/zone30/Classiques\\_des\\_sciences\\_sociales/index.html](http://www.uqac.quebec.ca/zone30/Classiques_des_sciences_sociales/index.html).

<sup>21</sup> Charles Darwin, *On the Origin of Species by Means of Natural Selection, or the Preservation of Favoured Races in the Struggle for Life*, “Introduction”, London, John Murray, Albemarle Street, 1859, <http://www.literature.org/authors/darwin-charles/the-origin-of-species/introduction.html> (As palavras

Há, no entanto, uma diferença - aparentemente essencial - entre o que acontece com os seres vivos no bioespaço e o que acontece com as informações e as comunicações no ciberespaço. Enquanto que, no primeiro caso, existem limites naturais que impedem a progressão geométrica dos seres de cada espécie, acarretando a destruição de uns para que outros possam sobreviver, no segundo caso, o do ciberespaço, todas as informações e comunicações podem “sobreviver”, crescendo e multiplicando-se, de forma cada vez mais rápida, num espaço potencialmente infinito. Mas esta infinidade não elimina o problema da “selecção natural” – antes o coloca noutros termos. E esses termos são os seguintes: até que ponto se pode dizer que todas as informações e comunicações que existem no ciberespaço “sobrevivem” de facto? E as que não são recebidas ou vistas por ninguém? Com efeito, e como refere Hannah Arendt, “neste mundo em que entramos, aparecendo vindos de parte nenhuma, e do qual desaparecemos por parte nenhuma, *Ser e Aparência coincidem*. (...) Nada nem ninguém existe neste mundo cujo verdadeiro ser não pressuponha um *espectador*.”<sup>22</sup> O mesmo é dizer que, e no que ao ciberespaço se refere, a “luta pela existência” é, na realidade, uma luta pela visibilidade, pela existência aos olhos de alguém.

Como argumenta Hobbes, que vê precisamente na luta pela visibilidade social, pela “glória” - essa “boa opinião que se tem de si próprio” e em que consiste “todo o prazer da alma” -, um dos “fundamentos” da sociedade humana,

de Darwin referem-se ao Capítulo 3 da sua obra, intitulado precisamente “Luta pela Existência”).

<sup>22</sup> Hannah Arendt, *A Vida do Espírito*, Volume I – Pensar, Lisboa, Instituto Piaget, 1999, p. 29.

Uma sociedade fundada sobre a glória não pode ser nem de muitas pessoas, nem de longa duração; pois que a glória, da mesma forma que a honra, se se comunica a todos sem excepção, não se comunica a ninguém; a razão reside em que a glória depende da comparação com outrem, e da preeminência que se tem sobre ele”.<sup>23</sup>

Não é difícil concluir, daqui – embora não seja fácil, para alguns de nós, aceitar uma tal conclusão –, que “[o] maior prazer e a alegria mais perfeita que acontece ao espírito vem-lhe de ele ver os outros abaixo de si, de tal forma que, comparando-se com eles, tem ocasião de adquirir uma boa estima acerca de si mesmo.”<sup>24</sup>

A questão que se coloca é, portanto, a de saber como se efectua a selecção das informações e das comunicações no ciberespaço, como é que umas se tornam visíveis – existentes – em detrimento de outras, como é que umas adquirem uma “glória”, maior ou menor, que outras nunca terão. Para respondermos a esta questão, procederemos a uma análise sumária do que acontece com um dos “mitos” mais recentes do ciberespaço – o “mito” dos *blogs*.

## 5 O caso dos blogs

O carácter “mítico” dos blogs denota-se, desde logo, na forma como eles são apresentados publicamente, nomeadamente entre nós: vistos como expressões da “libertação” e do “poder ao indivíduo”<sup>25</sup>, publicitados a

<sup>23</sup> Hobbes, *op. cit.*, Capítulo I, Parágrafo II.

<sup>24</sup> Hobbes, *op. cit.*, Capítulo I, Parágrafo V.

<sup>25</sup> Citamos aqui expressões utilizadas em dois artigos do *Expresso-Única* acerca dos blogs: Paulo Que-

partir de slogans como “A democracia chega aos meios de comunicação” ou “Chegou a vez dos sem-voz” – e tudo isto na medida em que, argumenta-se, “[c]om a chegada dos blogs, bastará o acesso a um computador ligado à Internet para qualquer mortal fazer comunicação em massa”.<sup>26</sup> No entanto, e partindo da constatação de que “[c]ada autor de blog se expressa à sua maneira, mas todos querem se fazer ler” (sic), reconhece-se imediatamente a seguir que o blogger irá fazer “praticamente tudo o que estiver ao seu alcance” para aumentar o número de visitas do seu blog e o número de comentários aos seus *posts* – recorrendo, para isso, a processos como o investimento “no aspecto gráfico (ou “template”)", as “pesquisas para os seus posts”, a procura de “informações e fotos na Internet” e a emissão de “opiniões polémicas para atizar o seu leitor”.<sup>27</sup> Chegou-se mesmo, em nome dos blogs, e numa fase inicial do seu desenvolvimento, a afirmar a “morte do jornalismo” enquanto actividade e profissão específica, substituído por uma situação em que todos os cidadãos - enquanto bloggers - seriam “jornalistas”.<sup>28</sup> Se é certo que se reconhece, hoje, sem dificuldade, que os blogs não poderão ter, de forma alguma,

---

rido, “A libertação pelos ‘blogs’”, *Expresso-Única*, 11 de Outubro de 2003, pp. 128-129; Paulo Querido, “Blogs: o poder ao indivíduo”, *ibidem*, 8 de Novembro de 2003, p. 138. Poderiam multiplicar-se os exemplos do mesmo género.

<sup>26</sup> Extraído de António S. Silva, *Blogs*, <http://weblogs.no.sapo.pt/>.

<sup>27</sup> Silva, *ibidem*.

<sup>28</sup> Sobre a relação dos blogs com o jornalismo, cf. Elisabete Barbosa, “Jornalistas e público: novas funções no ambiente on-line”, in António Fidalgo, Paulo Serra (orgs.), *Informação e Comunicação Online*, Volume I, *Jornalismo Online*, Covilhã, UBI, 2003, pp. 109-115.

uma tal função<sup>29</sup>, não é menos certo que a carga utópica e mítica associada aos blogs não tem parado de crescer. Como observa António Guerreiro,

O facto curioso, em Portugal, é que o interesse pelos blogs não foi suscitado, em primeiro lugar, por terem acedido à publicação indivíduos e grupos que dela estavam excluídos, mas por terem entrado na ‘blogosfera’ (numa posição de domínio, pois aqui também se criaram hierarquias) nomes que, regularmente ou de maneira esporádica, escrevem nos jornais ou são convidados pelas televisões.<sup>30</sup>

Se, em termos gerais, isto é verdade, não é contudo totalmente verdade – pelo menos face aos dados disponíveis, por pouco rigorosos que eles sejam – que, como afirma ainda António Guerreiro, a blogosfera apareça, em Portugal, como o prolongamento do “regime do mandarinato” que caracteriza o espaço público mediático no seu todo, como se poderia pretender concluir do facto de que um dos blogs mais linkados e mais conhecidos na blogosfera nacional é o *Abrupto*, do político e estrela mediática José Pacheco Pereira.

Assim, de acordo com a lista do *Technorati*,<sup>31</sup> que hierarquiza os blogs por *inbound*

---

<sup>29</sup> Cf., por exemplo, Paulo Querido, “Blogs: o poder ao indivíduo”, *op. cit.*, p. 138. Esta questão é tratada, de forma mais aprofundada, em Elisabete Barbosa, António Granado, *Weblogs. Diário de Bordo*, Porto, Porto Editora, 2004.

<sup>30</sup> António Guerreiro, “A reportagem universal”, *Expresso-Actual*, 4 de Outubro de 2003, p. 54.

<sup>31</sup> A tentativa de criação de tops ou rankings – de blogs mais linkados ou mais visitados – é, ela própria, já um sintoma iniludível da luta pela visibilidade que caracteriza o ciberespaço.

*links* – indicando, também, os *inbound blogs* e os *outbound links* -, os cinco primeiros blogs da blogosfera portuguesa eram, à data em que efectuámos a nossa pesquisa empírica, os seguintes (indicam-se, entre parêntesis, os *inbound links* e os *inbound blogs*): *Abrupto* (1068-826), de José Pacheco Pereira, político e estrela mediática; *Gato Fedorento* (843-777), de, entre outros, Ricardo de Araújo Pereira e Zé Diogo Quintela (que fazem o programa homónimo na Sic Radical) e Tiago Dorés e Miguel Góis (autores de textos das Produções Fictícias, como, aliás, os anteriores); *O Meu Pipi* (725-634), pornosatírico, de autor anónimo; *Aviz*, do escritor e jornalista Francisco José Viegas (609-506); *Blogue dos Marretas*, de Nuno Jerónimo, João Canavilhas e Jorge Bacelar, professores universitários e ligados à escrita jornalística (512-461).<sup>32</sup> No que se refere aos blogs mais visitados, um *Top 25 por média diária de visitas*, referido à mesma data e baseado em dados fornecidos pelos donos dos blogs, apresenta, nos cinco primeiros lugares, os blogs seguintes (indica-se, entre parêntesis, a média diária de visitas): *O Meu Pipi* (2933), *Abrupto* (1507), já referidos, *The Tao of Macs* (983), *Dicionário do Diabo*, do poeta, crítico literário e professor universitário Pedro Mexia (657) e *Bomba Inteligente* (616), da tradutora e editora Carla Hilário de Almeida.<sup>33</sup> Por comparação com estes últimos números, refira-se o caso especial do blog *Muito Mentiroso* que, surgido a

25 de Agosto, com um texto intitulado “Soltem os prisioneiros”, alegadamente pertencente a um auto-denominado “Grupo Operacional de Vigilância Democrática” (GOVD) que se auto-atribuiu a tarefa de “defender” os arguidos do caso “Casa Pia”, teve mais de 220 mil visitas e dezenas de comentários num único mês (o blog foi “ocupado” em 24 de Setembro de 2003) – o que significa uma média de visitas diárias superior a 7000.<sup>34</sup>

Há, no entanto, uma importante parte de verdade no que diz António Guerreiro, *a contrario*, logo no título do artigo citado: é que os blogs são exactamente a antítese de uma “reportagem universal” - seja no sentido de que, *de facto*, não reportam tudo, mas apenas algumas coisas, seja no sentido de que nem todos os que reportam através dos blogs – potencialmente, cada um dos cibernautas – serão, *de facto*, lidos.<sup>35</sup> O mesmo é dizer que, quer quanto à “emissão” quer quanto à “recepção”, os blogs implicam uma selecção que não é menor do que a existe por exemplo nos *mass media*. A que critérios, explícitos ou implícitos, obedece uma tal selecção?

Alguns desses critérios já foram atrás referidos: o investimento no aspecto gráfico, as pesquisas para os *posts*, a procura de informações e fotos na Internet e a emissão de opiniões polémicas. A estes haverá que juntar critérios quiçá ainda mais importantes, a saber: uma actualização mais ou menos permanente - já que, como diz o ditado, “quem não aparece esquece”; um tipo de linguagem não habitual, que oscila entre o poé-

<sup>32</sup> Cf. *Top 25 de blogs portugueses no Technorati*, lista produzida a partir dos dados da Technorati, feita em 17 de Novembro de 2003, disponível em <http://weblog.com.pt/portal/estatisticas/technorati/>.

<sup>33</sup> *Top 25 por média diária de visitas*, referido a 17 de Novembro de 2003, <http://weblog.com.pt/portal/metrics/>.

<sup>34</sup> Cf. Pedro Fonseca, “Autor de blogue poderá ficar impune. Muito Mentiroso vai ser investigado”, *Público-Computadores*, 29 de Setembro de 2003.

<sup>35</sup> *Em teoria*, tudo poderá ser reportado e todos poderão ser lidos – mas só em teoria.

tico mais estilizado e o calão mais extremo conseguindo, nalguns casos (como o de *O Meu Pipi*), uma sábia fusão dos dois géneros – e que acaba por aproximar os blogs mais da escrita criativa e original da literatura do que da escrita repetitiva e tipificada dos *mass media*; a actualidade e o carácter polémico dos temas tratados. Aparentemente, e tirando o caso de uma ou outra figura mediática, na generalidade dos casos a identidade do blogger não está em jogo; aliás, uma das grandes vantagens dos blogs residiria, mesmo, na possibilidade de o que alguém escreve ser (mais ou menos) lido não em função do nome de *quem* escreve mas da qualidade intrínseca do *que* é escrito. No entanto, quem começa a pesquisar sobre a blogosfera portuguesa rapidamente descobre que grande parte dos bloggers se conhecem uns os outros, que eles constituem uma “rede” de relações mais ou menos opaca e imperceptível ao cidadão comum, e que vão apontando links dos seus textos e dos seus blogs para textos e blogs de bloggers com quem sentem mais afinidades, e vice-versa - reforçando, assim, a sua visibilidade mútua e, em consequência, a invisibilidade dos outros, nomeadamente dos recém-chegados. Uma estratégia que se prolonga, mesmo, na “sociedade real”, nomeadamente através das referências a certos blogs, mas não a outros, feitas em artigos de jornal e mesmo em livros.<sup>36</sup> É certo que esta está longe de ser uma estratégia nova, nomeadamente entre os “intelectuais”. Com efeito, já em entrevista de 1980 Bourdieu denunciava o “pequeno clube de admiração mútua” que eles consti-

<sup>36</sup> Para um exemplo claro destes últimos cf. Paulo Querido, Luís Ene, *Blogs*, Lisboa, Centro Atlântico, 2003.

tuem, assente em “processos como a circulação circular das recensões elogiosas entre um pequeno número de produtores (de obras mas também de críticas), universitários de alta classe que autorizam e consagram, jornalistas que se autorizam e celebram”.<sup>37</sup>

Sejam estes ou outros os critérios essenciais, o cerne da questão é que existirá sempre um conjunto de critérios a determinar a selecção dos blogs por parte dos cibernautas - e, desse modo, a visibilidade e a existência, *de facto*, desses mesmos blogs. Ora, a consecução de um tal tipo de critérios não está ao alcance de qualquer um, mas apenas dos portadores de um conjunto de características especiais, de que se destacam o saber escrever bem, o tempo disponível, o gosto e a competência para a utilização das tecnologias de informação e comunicação, uma cultura geral acima da média, a atenção ao meio envolvente, nomeadamente aos *mass media*, etc..

Compreende-se, assim, que os donos dos blogs mais linkados e mais visitados da blogosfera portuguesa sejam escritores, jornalistas, críticos literários, professores universitários, tradutores, etc.. Desta forma, a “libertação”, o “poder ao indivíduo”, “a democracia nos meios de comunicação” ou “a vez dos sem-voz” que, como vimos, se anunciam como apanágio dos blogs – ou, se quisermos, do ciberespaço em geral - não passam, de facto, de um verdadeiro “mito”. Isto é: “*business as usual*”.

Tal não significa, contudo, que os blogs não representem uma inovação importante no espaço público mediático – não é isso que aqui está em questão. De facto, eles

<sup>37</sup> Pierre Bourdieu, “Comment libérer les intellectuels libres?”, in *Questions de Sociologie*, Paris, Les Éditions de Minuit, 1998, p. 67.

possibilitam a existência de uma informação que é, em grande parte, divergente da dos *mass media* e incomparavelmente mais criativa, original e polifónica. No entanto, e simultaneamente, ainda que por outros meios, eles instauram os seus próprios mecanismos de selecção e de restrição da visibilidade, aproximando-se, nesta matéria, dos *mass media*.

## 6 Conclusão

O caso dos blogs ilustra, de facto, a conjugação de tendências contraditórias a que se encontra submetida a comunicação no ciberespaço e, de forma mais genérica, toda a nova forma de comunicação, a saber: se por um lado ela aparece como uma ampliação de determinadas possibilidades, por outro lado ela aparece, também, como restrição de outros tipos de possibilidades – pelo que não tem qualquer sentido, nesta matéria, falar em “progresso” ou em “retrocesso”. Este aspecto foi, há muito, sublinhado por Luhmann quando, da lei “segundo a qual as improbabilidades se reforçam mutuamente e as soluções dos problemas num aspecto reduzem as possibilidades de solução noutras”, extrai a implicação de que “não existe nenhum meio que facilite directamente um progresso constante do entendimento entre os homens”.<sup>38</sup>

Resta-nos uma questão, que aqui deixaremos apenas enunciada: até que ponto será uma “teoria neo-darwiniana da comunicação”, tal como a delineámos, específica da Web? Ou, por outras palavras: até que ponto

será uma tal teoria generalizável a meios de comunicação que não a Internet?

Meios de comunicação como o jornal, a rádio ou a televisão, com os seus mecanismos de gatekeeping mais ou menos rígidos parecem descartar, desde logo, uma tal possibilidade. De facto, a Internet é, de todos os meios de comunicação actualmente existentes, o único que permite a publicação ilimitada, sem restrições que não aquelas que o “emissor” decida fazer a si próprio por questões “económicas”, “éticas” ou outras: qualquer um, a qualquer momento, em qualquer local, pode publicar tudo o que quiser.

Mas pensemos no que acontece por exemplo quando, percorrendo as ruas de uma cidade, somos solicitados por uma infinidade de cartazes, de anúncios e de sinais de que, por motivos óbvios, só a alguns poderemos dar atenção. Ou, ainda, quando numa reunião todos os participantes podem falar “desregradamente” mas, de facto, nem todos – provavelmente apenas muito poucos – serão efectivamente levados em conta pelo conjunto dos participantes. Não estaremos aqui também perante situações em que é manifesta uma “luta pela existência” das diversas “comunicações”, sujeitas a critérios de selecção mais ou menos draconianos?

Mas isso significaria que a “teoria neo-darwiniana da comunicação” poderia ser generalizada a todas as situações de comunicação em que, existindo suficiente liberdade e igualdade de emissão, venha a existir uma quantidade de “comunicações” de tal modo grande que impossibilite a recepção de todas elas – exigindo-se, assim, uma actividade de selecção por parte do receptor.

<sup>38</sup> Niklas Luhmann, “A improbabilidade da comunicação”, in *A Improbabilidade da Comunicação*, Lisboa, Vega, 1992, p. 45.

## 7 Bibliografia

- Arendt, Hannah, *A Vida do Espírito*, Volume I – *Pensar*, Lisboa, Instituto Piaget, 1999.
- Barbosa, Elisabete, “Jornalistas e público: novas funções no ambiente on-line”, in Fidalgo, António, Serra, Paulo (orgs.), *Informação e Comunicação Online*, Volume I, *Jornalismo Online*, Covilhã, UBI, 2003.
- Barbosa, Elisabete, Granado, António, *We-blogs. Diário de Bordo*, Porto, Porto Editora, 2004.
- Barlow, John Perry, *A Declaration of the Independence of Cyberspace*, 1996, <http://www.eff.org/~barlow/Declaration-Final.html>.
- Baym, Nancy K., “Interpersonal Life Online”, in Leah Lievrouw, Sonia Livingstone, *The Handbook of New Media. Social Shaping and Consequences of ICTs*, London, Sage Publications, 2002.
- Berners-Lee, Tim, *Realising the Full Potential of the Web*, 1997, <http://www.w3.org/1998/02/Potential.html>.
- Berners-Lee, Tim, *The World Wide Web: A very short personal history*, <http://www.w3.org/History.html>.
- Bourdieu, Pierre, *Questions de Sociologie*, Paris, Les Éditions de Minuit, 1998.
- Breton, Philippe, *Le Culte de l'Internet*, Paris, La Découverte, 2000.
- Chardin, Pierre Teilhard de, *O Fenómeno Humano*, Porto, Livraria Tavares Martins, 1970.
- Darwin, Charles, *On the Origin of Species by Means of Natural Selection, or the Preservation of Favoured Races in the Struggle for Life*, “Introduction”, London, John Murray, Albemarle Street, 1859, <http://www.literature.org/authors/darwin-charles/the-origin-of-species/introduction.html>.
- Dewey, John, *The Influence of Darwin on Philosophy and Other Essays*, New York, Henry Holt and Company, 1910.
- Fonseca, Pedro, “Autor de blogue poderá ficar impune. Muito Mentiroso vai ser investigado”, *Público-Computadores*, 29 de Setembro de 2003.
- Guerreiro, António, “A reportagem universal”, *Expresso-Actual*, 4 de Outubro de 2003.
- Habermas, Jürgen, *Théorie de l'Agir Communicationnel*, Tome 1 (*Rationalité de l'Agir et Rationalisation de la Société*), Paris, Fayard, 1987.
- Hobbes, Thomas, *Le Citoyen Ou Les Fondements De La Politique (De Cive)*, Amsterdam, Blaeu, 1649, [http://www.uqac.quebec.ca/zone30/Classiques\\_des\\_sciences\\_sociales/index.html](http://www.uqac.quebec.ca/zone30/Classiques_des_sciences_sociales/index.html).
- Leiner, Barry M., Cerf, Vinton G. et al., *A Brief History of the Internet*, <http://www.isoc.org/internet/history>.

- Lévy, Pierre, *Cibercultura*, Lisboa, Instituto Piaget, 2000.
- Luhmann, Niklas, *A Improbabilidade da Comunicação*, Lisboa, Vega, 1992.
- Luhmann, Niklas, *Organización y Decisión. Autopoiesis, Acción y Entendimiento Comunicativo*, Barcelona, Anthropos, 1997.
- Luhmann, Niklas, *Sistemas Sociales. Lineamientos para una Teoría General*, Barcelona, Anthropos, 1998.
- Luhmann, Niklas, *Teoría Política en el Estado de Bienestar*, Madrid, Alianza Universidad, 1997.
- Marx, Karl, "Critique de l'Économie Politique" (1859), in *Oeuvres, I (Économie I)*, Paris, Gallimard, 1994.
- McLhuan, Marshall, *La Galaxie Gutenberg*, Paris, Gallimard, 1977.
- Mcquail, Denis, *McQuail's Reader in Mass Communication Theory*, London, Sage Publications, 2002.
- Mcquail, Denis, Windhal, Sven, "Models of communication", in Barnow, Erik et al. (org.), *International Encyclopedia of Communication*, Volume 3, New York, Oxford, Oxford University Press, 1989
- Mcquail, Denis, Windhal, Sven, *Modelos de Comunicação*, Lisboa, Editorial Notícias, 2003.
- Querido, Paulo, "A libertação pelos 'blogs'", *Expresso – Única*, 11 de Outubro de 2003.
- Querido, Paulo, "Blogs: o poder ao indivíduo", *Expresso – Única*, 8 de Novembro de 2003.
- Querido, Paulo, Ene, Luís, *Blogs*, Lisboa, Centro Atlântico, 2003.
- Silva, António S., *Blogs*, <http://weblogs.no.sapo.pt/>.